

DISSEMINAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA NA COMUNIDADE DE PORTO BRAGA DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ-IDS¹

Alex Almeida Coelho² e
Guilherme Gitahy de Figueiredo³
Centro de Estudos Superiores de Tefé
Universidade do Estado do Amazonas

Resumo

A Pesquisa foi realizada na “Comunidade de Porto Braga” localizada na área da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – RDSM, comunidade essa pertencente ao Município de Uariní-AM e teve como principal ponto de estudo a Rádio comunitária “Nova Geração”. Procuramos interpretar as mudanças nas relações sociais ligadas à implantação da “Rádio Poste Comunitário” na comunidade, abordando-as dentro da comunidade e nas relações entre a comunidade e o entorno. O método utilizado foi a “observação participante” de Becker (1997). Os resultados obtidos foram a descrição etnográfica da comunidade e dos vários aspectos que a compõem, um histórico da mesma através de entrevistas feitas com os comunitários e por fim uma análise geral da comunidade envolvendo todos seus aspectos para entender os processos gerados pelo uso de uma rádio comunitária. Foi possível concluir que a rádio poste “Nova Geração” tem, desde sua implantação, trazido diversas melhorias no que diz respeito à disseminação da comunicação. Os moradores da comunidade de “Porto Braga” defendem que esse meio trouxe melhorias não só para o entretenimento, mas também na parte política, na educação, na participação comunitária e em outras dimensões, confirmando que a comunicação possui caráter vital no desenvolvimento das relações sociais (Winkin, 1998). A comunidade é agente na construção das suas formas de comunicação e pode usá-las a serviço dos seus objetivos.

Palavras-chave: Rádio comunitária, comunidade, desenvolvimento sustentável.

¹ Trabalho resultado de pesquisa de iniciação científica e apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Agradecemos Leda Gitahy pela revisão e Ana Cláudia Nascimento, coordenadora do Programa de Qualidade de Vida do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDS) pelas orientações e apoio.

² Estudante de graduação em Licenciatura Plena em Geografia pelo Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST-UEA) e pesquisador pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC-UEA) com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e apoio do técnico e logístico do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDS).

³ Mestre em Ciência Política pela Unicamp e professor de antropologia no Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas e autor do livro “A Guerra é o Espetáculo: origens e transformações da estratégia do Exército Zapatista de Libertação Nacional”, publicado pela FAPESP e Ed. RIMA em 2006, e do artigo “Vamos ao Baile: gingas da comunicação e da participação no zapatismo”, publicado no número 72 da revista de cultura e política Lua Nova, do CEDEC, em 2007. Orientador de Alex de Almeida Coelho.

Introdução

A comunicação possui caráter vital para o desenvolvimento e concretização das relações sociais. Por isso, o estudo da comunicação é uma forma privilegiada para compreender as relações sociais (Winkin, 1998). Com o passar dos tempos, e em virtude dos grandes avanços tecnológicos que a sociedade vem presenciando, foi possível desenvolver os meios de comunicação de massa, bem como a sua instrumentalização pela classe dominante (Santos, 1995). Uma pequena classe monopoliza a voz da sociedade, alienando a população da oportunidade e da vontade de falar e ouvir o que melhor lhe convém em cada momento. As relações comerciais monopolizam as concessões para operar a produção e a difusão das informações. Porém, existem rádios que abrem fissuras neste monopólio: as rádios livres e comunitárias, rádios de baixa potência através das quais, a população marginalizada da comunicação de massa apropria-se dessas tecnologias, colocando-as a serviço dos seus próprios objetivos.

O Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Organização Social ligada ao Ministério de Ciência e Tecnologia responsável pela co-gestão das reservas de desenvolvimento sustentável Mamirauá e Amanã, localizadas no Médio Rio Solimões, está desenvolvendo um projeto cujo objetivo é a “formação de Rede de Rádio Poste Comunitário” para que os comunicadores populares [comunitários que recebem capacitação em comunicação social] sejam capazes de transmitir informações de interesse local, valorizando assim a cultura tradicional da região” (Moura, 2006). Para Winkin o homem é agente na construção das suas formas de comunicação. Assim, é importante a realização do estudo dessa construção, bem como das mudanças correspondentes nas relações sociais. Neste artigo, abordaremos o caso da rádio Nova Geração, instalada da comunidade Porto Braga. Que processos estão se tramando nas relações sociais no interior dessa comunidade? E nas relações com o meio ambiente? Estes processos estão contribuindo para o desenvolvimento sustentável, que é o maior objetivo da criação dessas reservas? Para organizar a coleta de dados e a análise, foram privilegiadas as dimensões “trabalho” e “participação comunitária”.

A pesquisa de campo: entre a participação e o improviso

Na realização das atividades da pesquisa para se chegar aos resultados utilizou-se o método da “observação participante” de Becker (1997): este consiste na coleta de informações através da participação do observador nas situações da vida cotidiana de um grupo. Assim o observador busca colher falas dos participantes da situação para descobrir que interpretações

eles fazem sobre aquelas situações que o próprio pesquisador pôde observar. Além disso, é preciso adaptar os métodos das ciências sociais a cada realidade estudada, o que exige criatividade, planejamento e também improviso do pesquisador. A pesquisa de campo foi realizada acompanhando-se a equipe do IDSM em suas viagens às comunidades para atuar no projeto das rádios comunitárias, o que tornou possível a estadia de 12 dias na comunidade de Porto Braga, que pertence à “área focal” da Reserva Mamirauá (atendida por seus programas de pesquisa e extensão) e ao município de Uariní (AM).

Para completar os dados coletados através da observação participante, foram feitas entrevistas sociológicas semi-estruturadas e de história oral. Essas entrevistas se desenvolviam com o entrevistador entabulando conversações individuais com os comunitários: era proposto um tema comum à realidade da comunidade, por exemplo “meio ambiente”, ou “trabalho”, e o entrevistado falava o que ele achava sobre assunto. A partir dessas entrevistas foi possível obter a visão dos comunitários a respeito da vida cotidiana de sua comunidade, bem como das atividades desenvolvidas pelo IDSM na Reserva Mamirauá.

Os dois primeiros dias da pesquisa de campo serviram para fazer a descrição etnográfica mais geral da comunidade. Daí em diante partiu-se para a observação participante: não se tinha um cronograma de atividades estipulado, e as observações eram realizadas de acordo com as práticas que os comunitários desenvolviam em cada dia. Numa manhã eram realizadas observações na escola municipal de Porto Braga e à tarde já se poderia estar em outra atividade. Tudo dependia de que atividade estava sendo desempenhada, e as técnicas eram pensadas ao mesmo tempo em que ocorriam as observações e entrevistas. Somente estavam pré-definidas algumas categorias de análise correspondentes às dimensões da vida comunitária sobre as quais seriam levantados os dados – tais como “trabalho”, “educação”, “saúde”, “participação”, etc - mas a maneira de realizar este levantamento se desenrolou segundo estratégias desenvolvidas no local. Houve a participação em reuniões com grupos de comunitários, as quais serviram para observar a organização e a participações comunitárias; em atividades da vida cotidiana que permitissem sondar as relações de trabalho; e **foi realizada** uma entrevista para conhecer um pouco da história da comunidade com o Sr. Alicio dos Remédios, um dos comunitários de maior idade.

O presente trabalho privilegia os dados obtidos e as análises realizadas a partir da categoria “trabalho”, que se destacou inicialmente das demais por ser esta dimensão a que mais rapidamente se oferece à observação participante. Como os comunitários passam a maior parte do tempo trabalhando durante a semana, foi a dimensão sobre a qual foi possível colher

mais dados e que mais facilmente organiza a análise da comunidade. A estratégia para a elaboração deste artigo foi comparar as diferentes formas de apropriação da rádio Nova Geração em cada tipo de trabalho, para a partir daí inferir as prováveis tendências de mudança nas relações sociais da comunidade e se essas mudanças podem estar contribuindo ou não para o desenvolvimento sustentável e a conservação da natureza.

Vidas voltadas ao trabalho

A comunidade de Porto Braga é uma localidade de várzea, que fica de 3 a 4 horas numa lancha com motor de 40 HP da sede do município de Tefé e a cerca de 1 hora e meia da sede de Uariní, município a qual pertence. O nome da comunidade vem da homenagem a um dos antigos donos daquelas terras: seu nome era Augusto Braga, comerciante que distribuía mercadoria em boa parte do médio rio Solimões. Outro dono, mas de uma parcela menor da terra, era Raimundo Macário. Este, porém, não tinha força para disputar a autoridade do senhor Augusto Braga, que depois apropriou-se de suas terras. O Senhor Augusto Braga trabalhava como comerciante e fornecia mercadorias que não se encontravam na região como açúcar, café, sal entre outros, em troca da produção local que levava para revender em Manaus. Assim, além de plantar para a subsistência, as famílias tinham de plantar e pescar alimentos para pagar os produtos fornecidos pelo comerciante. Por isso os moradores de Porto Braga viam este comerciante como se fosse o seu patrão, e trabalhavam através do sistema de aviamento, onde o patrão adiantava os complementos alimentares e deixava os moradores endividados, de maneira a poder especular com os preços e manter os comunitários em situação de dependência. Estes pagavam em espécie, e quando saldavam uma dívida já havia outra nova. Um motivo de muito orgulho para os comunitários é que, nesta época, a comunidade se tornou a única na região que fabricava arpões para pesca. Essa “herança” foi deixada pelo morador Sr. Antônio Ferreira, o “Ferreirão”, que veio de outra comunidade próxima para viver em Porto Braga logo após a sua criação. Ele ensinou aos comunitários a prática artesanal, e dali saíam os arpões utilizados em todo o médio e alto Solimões. Outra atividade era o corte de madeira que, juntamente com os arpões, era vendida aos navios movidos a vapor que faziam sua rota por ali. A madeira era usada para a combustão dos navios, enquanto que os arpões eram levados até o destino final dos navios no Alto Solimões.

Atualmente, a comunidade é composta por cerca de cento e oitenta comunitários distribuídos em 36 famílias, em média 5 indivíduos por família e, frequentemente, com mais de uma família por casa. O usufruto da terra está garantido para a comunidade com a demarcação da Reserva Mamirauá, e não existe mais um patrão monopolizando o suprimento

de bens manufaturados: há dois pequenos comerciantes na comunidade e as famílias possuem “rabetas”, pequenas embarcações com as quais vão mensalmente à sede de Uarini. A base da alimentação é o peixe e a farinha de mandioca. A primeira refeição do dia é o café da manhã realizado por volta das seis e meia da manhã, e tem à mesa banana frita, bolo de macaxeira e outros. No período de plantio das roças, cultivam o necessário para abastecer a sua família até a nova produção: esse fato faz com que quase o ano todo eles tenham esses ingredientes em sua mesa. Nos períodos de cheia, quando eles não utilizam a várzea para o plantio, o café da manhã tem somente o café simples (café preto) com a farinha de tapioca que é produzida no período da “farinhada” (período de produção de farinha de mandioca, entre os meses de fevereiro e março).

Porto Braga é uma área de várzea e só alaga totalmente em cheias excepcionais. O plantio em grande parte é realizado em terras do outro lado do rio, pois lá a terra alaga todos os anos, o que garante uma maior fertilidade. Na roça, homens e mulheres trabalham juntos: o homem prepara a terra para o plantio e somente depois desse processo é que a família junta vai trabalhar para plantar e cultivar até a época da colheita. As roças mais comuns e mais presentes à mesa dos comunitários durante a farinhada são as de mandioca, milho, banana e feijão. O trabalho é feito em conjunto, mas os homens são os que desempenham os trabalhos mais pesados. Não foi constatado nenhum uso da rádio nessa atividade, provavelmente porque ela é organizada no âmbito familiar, sendo os seus assuntos tratados em casa.

A pescaria é uma atividade desempenhada exclusivamente por homens, cabendo às mulheres somente limpar o pescado e prepará-lo. É uma prática desempenhada o ano inteiro, visto que é uma obrigação do homem ir em busca do alimento da família. Serve também para a obtenção de renda: quando a pescaria é “boa”, rende um bom dinheiro, e o pescador aproveita para comprar os materiais que estão faltando em casa. A pesca é uma atividade individual, e quando desempenhada em duplas ou grupos eles dividem a produção em partes iguais. No trabalho relacionado à pescaria, pouco se utiliza a rádio. Foi observado apenas um caso de uso da rádio relacionado a esta atividade: um pescador que usou a rádio para pedir flechas e espinhéis emprestados. No geral, os comunitários não a utilizam nessa atividade. Talvez por extrapolar um pouco o âmbito familiar, quando saem grupos de dois ou três pescadores, ocorra um uso um pouco maior da rádio do que na roça.

Os trabalhos com mutirão de limpeza da comunidade são desempenhados por homens. Eles se reúnem em grande quantidade e realizam as tarefas que a comunidade necessita e que podem ser feitas coletivamente. Pode ser uma limpeza de algum quintal, a “roçagem” do

campo de futebol ou a limpeza do porto da comunidade. No mutirão é possível observar que os comunitários desempenham essas tarefas com grande satisfação: eles fazem daquela atividade uma forma de descontração, onde todos brincam entre si nas horas de descanso. Não se vê nenhuma forma de intriga ou desentendimento entre os participantes. Nessa atividade pude notar a utilização da **rádio** comunitária como um meio de organização do trabalho coletivo. O presidente da comunidade, podendo ou não partir de sugestões dos comunitários, planeja os mutirões e depois usa a boca de ferro para explicar que horas irá se iniciar e que tarefas eles vão realizar.

Nos trabalhos da educação um professor e uma professora, que é também a diretora, atuam no ensino fundamental de 1ª a 4ª e 5ª a 8ª série. Eles, sobretudo a diretora, usam a rádio para a transmissão de informações sobre a educação aos comunitários. Esse meio é destaque no trabalho da educação: os professores sempre a utilizam, com mais frequência que os outros comunitários, com a exceção dos que realizam a programação da rádio todos os dias. Os professores acham que esse meio chama muito a atenção dos comunitários e é um incentivo às atividades educacionais. Na saúde, há um agente de saúde comunitária da própria comunidade que atua sobretudo na prevenção e saneamento. O agente usa a rádio para enviar convites e dar orientações de saúde e higiene aos comunitários.

A única família que mantém a tradição da produção artesã de arpões distribui igualmente as atividades entre homens e mulheres. Atualmente, essa produção é voltada apenas ao consumo interno da comunidade. Não se identificou nesta atividade o uso da rádio, talvez por também ser intra-familiar.

Conclusão: a rádio como fator de solidariedade e informação

No que concerne às relações de trabalho, podemos ver que a rádio está sendo utilizada como meio facilitador no desenvolvimento das atividades da comunidade. Porém, sua utilidade se mostra maior nos ramos de atividade em que se exige cooperação entre as famílias ou instrução intelectual. A rádio tem sido utilizada como um instrumento que facilita e, portanto, fortalece os trabalhos que envolvem algum tipo de coordenação entre os membros de distintas famílias. É o caso do uso nos mutirões. Na pesca e na roça o uso é menor, já que são tarefas realizadas pela unidade doméstica. Isto nos permite dizer que a rádio provavelmente está contribuindo para o fortalecimento do coletivo nas relações de trabalho. Por outro lado, como os trabalhos coletivos que envolvem membros de distintas famílias são realizados apenas por homens (os mutirões e, em bem menor escala, a pescaria), pode-se dizer que as mulheres estão ficando de fora deste fortalecimento da cooperação. Pudemos levantar também que a

rádio tem sido usada de maneira a ampliar a capacidade e as possibilidades de intervenção dos trabalhos intelectuais que visam algum processo educativo, como os trabalhos relacionados à saúde e ao ensino, executados pelo agente de saúde e pelos professores da comunidade. Nesses trabalhos tanto homens como mulheres se beneficiam do uso da rádio, sendo que no caso estudado a professora está usando mais a rádio do que o professor e o agente de saúde. Isso significa que a rádio está proporcionando um salto qualitativo nas ações comunitárias auxiliadas pelo Estado e pelo IDSM, com destaque para a saúde e a educação, além de incentivar o desempenho mais criativo dessas ações, já que geralmente elas não prevêm o uso da rádio: este é inventado pelos comunitários, com o incentivo do IDSM.

É preciso lembrar aqui que a premissa do “desenvolvimento sustentável” é que não é possível conservar a natureza sem que ao mesmo tempo se alcance a democracia, a justiça social e a melhora da qualidade de vida para os moradores das áreas protegidas (Reis, 2005). Para se alcançar a aliança entre instituição gestora, à ciência e os comunitários para a deliberação dos rumos sustentáveis de desenvolvimento, é preciso que a comunidade esteja bem organizada e tenha uma participação efetiva na gestão da reserva. Nesta dimensão, temos ainda poucos elementos para discutir todas as contribuições da rádio, embora já se possa dizer que os êxitos na melhor coordenação de trabalhos em mutirão sejam um forte indício de que a rádio ajuda a tornar a comunidade mais unida e organizada. Quanto à melhora na justiça social e na qualidade de vida, os sinais são evidentes: a rádio é um instrumento que fortalece diretamente a solidariedade entre as famílias, suprimindo melhor necessidades que dependem de mutirão, como a limpeza da comunidade, bem como ações em saúde e educação. E ao menos no que diz respeito aos trabalhos que possuem caráter educacional, ajudam a fortalecer também o papel da mulher fora do âmbito familiar. Sendo assim, já começamos a verificar empiricamente como a radiodifusão comunitária está se tornando um instrumento indispensável para se atingir os objetivos legais atribuídos às reservas de desenvolvimento sustentável e necessários à conservação da natureza.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 3º ed- editora HUCITEG. São Paulo, 1997.

MOURA, Edila. Projeto “Rádio Comunitária: a magia da comunicação nas comunidades de Várzea”. Tefé: IDSM, 2006.

REIS, Marise. *Arengas & psicas: reações populares à Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá no Estado do Amazonas*. Belém: Sociedade Civil Mamirauá, 2005.

SANTOS, José Milton. A democratização da comunicação nos discursos da sociedade civil brasileira – 1974/1994. *Ordem / Desordem*, Belo Horizonte, n. 12, p. 9-16, ago. 1995.

WINKIN, Yves. *A Nova Comunicação: Da teoria ao trabalho de campo*: Campinas, SP: Papirus, 1998.